



COMPANHIA DAS LETRAS

## O DONO DO MORRO

Misha Glenny



**Jornalismo/Relatos**

**Tradutor:** Denise Bottmann

**Páginas:** 360

**Tiragem:** 5 mil

**Preço:** R\$54,90

E-book R\$37,90

**Lançamento:** 17/06

**Palavras-chave:** tráfico de drogas, Rocinha, Rio de Janeiro, cocaína.

**A história do líder do tráfico de drogas da Rocinha contada a partir de um intenso trabalho jornalístico.**

*O dono do morro* é a história impressionante de um homem comum forçado a tomar uma decisão que transformaria sua vida. Como Antonio Francisco Bonfim Lopes, um jovem pai trabalhador, se transformou em Nem, o líder do tráfico de drogas na Rocinha?

A partir de uma série de entrevistas na prisão de segurança máxima onde o criminoso cumpre sentença, Misha Glenny narra a ascensão e a queda do traficante, assim como a tragédia de uma cidade.

*A vida de uma cidade é a história de sua gente — de seus intelectuais e comerciantes, de seus trabalhadores, policiais e bandidos. A menos que estes últimos estejam mortos, para o repórter será sempre mais conveniente tratar dos outros. No*

*entanto, em certas sociedades o bandido tem grande força simbólica, e dar as costas a ele é abrir mão do bom trabalho jornalístico.*

*“O Dono do Morro” toma o caminho difícil ao contar a história de “Nem da Rocinha”, que está tão vivo quanto o leitor. Em novembro de 2011, ao ser preso, Nem era o criminoso mais procurado do Rio de Janeiro, se não do país. Misha Glenny vai encontrá-lo na prisão, e o que se segue é tanto a ascensão e queda de um traficante como a tragédia de uma cidade.*

*Numa tarde de 2000, Antônio Francisco Bonfim Lopes “subiu o morro como Antônio e desceu como Nem”. Em minutos, passou de trabalhador exemplar a bandido. O Rio é pródigo em episódios de conversão ao crime, mas raras vezes eles se apresentam com essa clareza trágica — com motivação, hora e local perfeitamente determinados.*

*Vários são os personagens deste livro, como Dudu, Lulu e Bem-Te-Vi, senhores efêmeros da vida e da morte, cuja notoriedade será aferida pelo fato de que, por uns meses — não mais de dez, tempo correspondente à expectativa de vida dos chefes da Rocinha —, bastava pronunciar as poucas sílabas de seus apelidos para que qualquer carioca soubesse de quem se tratava.*

*Para a maioria deles o crime terá sido um ato de consciência pelo qual terão de ser responsabilizados. Diante das cartas que lhes foram dadas, mesmo aqueles que, a exemplo de Nem, não são monstros patológicos, preferiram o fuzil à carteira de trabalho, reafirmando a observação de Darcy Ribeiro: o Brasil é uma máquina de moer gente. Da inundação do Rio pela cocaína nos anos 1980 ao atual nó que ata voto, armas, política, polícia e bandidagem, a apuração impecável de Misha Glenny nos revela cada peça dessa moenda.*

**João Moreira Salles**

**MISHA GLENNY** (1958) é jornalista e historiador. Trabalhou como correspondente do jornal The Guardian na Europa Central. Cobriu o colapso do comunismo e as guerras que despedaçaram a ex-Iugoslávia. Mora atualmente em Londres.